

Para potencializar o que veio, o que está aqui, o que ainda está por vir

Andityas Soares de Moura Costa Matos
Lorena Martoni de Freitas

Partamos do pressuposto de que nenhuma ordenação social emerge do absoluto nada, em um espaço antes supostamente marcado pela anomia. Isso exige que a noção de “poder constituinte” seja tomada como um movimento não apenas produtivo, mas também de ruptura, que comporta a rejeição às regras de autoridade anteriores como condição para a emergência de novos modos de ser em sociedade. Nesses termos, podemos presumir que todo poder constituinte comporta, ao mesmo tempo, dimensões desconstituintes e reconstituintes.

Entretanto, cada vez mais os estudos constitucionais têm tratado esse tema como uma mera questão de início da ordem jurídica que, sob uma perspectiva institucional, é absorvido pelo poder constituído, uma vez consolidadas as ditas “democráticas” estruturas procedimentais do Estado de Direito. Com o suposto intuito de garantir a perenidade dessa ordem, a dimensão desconstituinte do poder constituinte vem sendo paulatinamente silenciada no interior da teoria constitucional e da teoria política.

Instaurado tal paradigma, demarcado pelo deslocamento do poder constituinte das ruas para o espaço das mesas redondas, não é incomum que movimentos sociais que prezam pela polifonia e horizontalidade, que rejeitam dispositivos de representação política, que apostam na potência organizacional precária da experiência e do acontecimento, enfim, que se pretendem ingovernáveis, deixem de ser percebidos como verdadeiros poderes constituintes. As consequências dessa análise viciada são claras: por um lado, a perseguição e a criminalização dos agentes diretamente envolvidos nesses movimentos; por outro, a cooptação e a tradução de sua força e vontade de desconstituição em signos bem estabelecidos do discurso neoliberal, que encontram guarida nas ordens de extrema direita que temos visto ascender na última década

Para enfrentar então mais um ano de espetáculo eleitoral, este terceiro número da revista *(des)troços*, com dossiê temático coordenado por Lorena Martoni de Freitas, propôs a tarefa de resgatar a memória das lutas que nos trouxeram até aqui, e cuja força ainda se faz presente na trama social, no drama diário das ruas e dos campos, na intersubjetividade produzida pelo enlace dos espaços e corpos. Destacando a importância e a potência da tão vilipendiada dimensão desconstituinte do poder constituinte, lançamos o dossiê *Constituinte e destituinte: poderes, potências e pensamento (des)instituinte*, buscando jogar luz na reflexão em torno do problema do “destituinte” e do pensamento (des)instituinte, capazes de transcender as tradições já sedimentadas em instituições esclerosadas, impropriamente vistas não apenas como naturais, mas eternas, a exemplo da representação política, da propriedade, do sujeito, da economia liberal e tantas outras.

Dentre os destroços deste número, encontram-se: os primeiros passos para uma análise crítica do atual processo constituinte chileno, lançados por *André Freire Azevedo*; uma

reflexão sobre o papel da literatura na imaginação do comum, delineada por *Gabriel Fernandes de Miranda*; uma articulação imagética da relação entre “constituente” e “constituído”, realizada por *Igor Viana*; um mapa conceitual acerca do “destituente”, cartografado por *Lorena Martoni de Freitas*; algumas perspectivas para a desinstituição da democracia representativa, apresentadas por *Rodrigo Wagner Santos Ribeiro Filho*; e uma leitura espinosista do poder constituinte teorizado por Antonio Negri, proposta por *Vitor Sousa Bizerril*.

Para além do dossiê, contamos ainda com os arremessos mirados na temática geral do pensamento radical, como os de: *Chiara Bottici*, discutindo ecofeminismo e descolonialidade; *Christopher N. Gamble*, *Joshua S. Hanan* e *Thomas Nail*; definindo o novo materialismo; *Danilo Pescarmona*, propondo um estudo de caso da Cracolândia; *Pedro J. S. Vieira de Oliveira*, com provocações artísticas sobre a técnica de biometria da voz; *Samantha Nagle Cunha de Moura*, e sua resenha sobre a invenção do nordeste; *Remy Branco*, relatando em imagens uma experiência impactante. Aprofundam as (des)constituições deste número a obra de *Micael Zaramella*, as delicadas e fortes pinturas de *Gabriella Morais* e as colagens algo surreais, maxernstianas de *Fabiana Gibin*.

Enfim, com afeto, aqui estamos, com mais uma edição da revista *(des)troços*.

Belo Horizonte
17 de abril de 2022